

Economista prevê queda da inflação

Marcos Fernandes 22.11.01

CORREIO BRAZILIENSE — Como será o final deste ano para o Brasil? Alguns empresários dizem que as vendas superarão as do mesmo período de 2000.

EDMAR BACHA — Maior do que o ano passado será difícil, pois a economia estava a todo o vapor no último trimestre de 2000. E houve uma grande e progressiva desaceleração da economia ao longo deste ano. O Natal será melhor do que se esperava em setembro, mas não será comparável ao de 2000.

CORREIO — Qual a estimativa de crescimento do Brasil para 2002? E a inflação?

BACHA — Há a perspectiva de

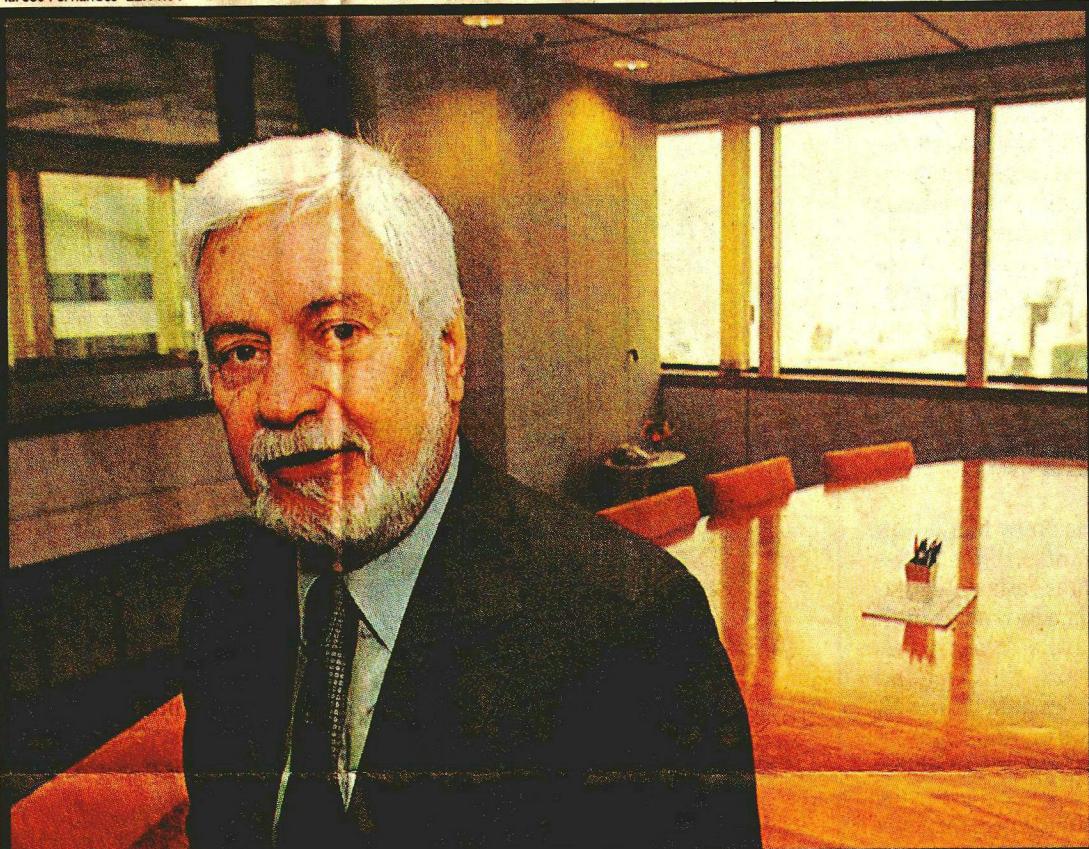
crescimento de 2,5%, com chances de uma surpresa favorável. Podemos chegar a 3%. Quanto à inflação, nossos números (IPCA) estão acima do topo da banda {meta de inflação acrescida de dois pontos percentuais} para este ano (7,4%) e no topo para 2002 (5,5%).

CORREIO — O que ocorrerá com a Argentina nos próximos meses?

BACHA — Acho que eles continuarão empurrando com a barriga, por falta de opções. Eventualmente o país vai aprofundar o processo de troca de dívida interna, o que não será muito simples. A primeira parte, que está sendo concluída, deve ser bem sucedida. Mas no caso dos estrangeiros será complicado. Havia uma expectativa de apoio financeiro dos países industrializados. Mas pelo que o ministro [da Economia] Domingo Cavallo disse nos últimos dias parece que não haverá mais nenhum tostão.

CORREIO — O senhor acredita que moedas paralelas, como os títulos federais Lecops, podem irrigar a economia argentina, que está carente de moeda?

BACHA — O caminho é por aí. As opções que se apresentam são a desvalorização e a dollarização. Uma aparece como inimiga da outra. A maneira de compatibilizá-las é dollarizar o peso e introduzir a Lecop como moeda. Para evitar o trauma que seria a desvalorização, incorpora-se o peso ao dólar e cria-se outra moeda.



BACHA: "O CÂMBIO SERÁ MUITO MENOS TURBULENTO. NO PRÓXIMO ANO O DÓLAR, NO PICO, BATERÁ EM R\$ 2,60"

CORREIO — Quais serão os impactos da corrida sucessória na economia em 2002? Os investidores ficarão nervosos com a liderança de Lula nas pesquisas?

BACHA — Há dois meses o governo não tinha candidato elegível. Isso preocupava os investidores em relação à capacidade do Brasil de conseguir financiamento externo em 2002. Mas veio a ascensão da governadora do Maranhão, Roseana Sarney.

Não sei se ela vai se sustentar ou não, mas a sua subida demonstra que as forças de apoio ao governo têm capacidade de produzir um candidato elegível.

CORREIO — O PT, com portavozes como o professor Guido Mantega, tem dito que é contrário a uma reestruturação da dívida, defendida por Ciro Gomes.

BACHA — Tudo bem, mas o Lula vive criticando o [ministro da Fa-

zenda] Pedro Malan de só se preocupar em obedecer o FMI e pagar juros da dívida. O que isto quer dizer visto do outro lado: vai fazer o acordo com o FMI e nem vai se preocupar em pagar dívida. Esse tipo de discurso é muito danoso.

CORREIO — A possibilidade de um candidato apoiado pelo Palácio do Planalto chegar no segundo turno diminuirá muito as pressões sobre o dólar em 2002?

BACHA — Sem dúvida. O comportamento do câmbio será muito menos turbulento, especialmente diante desta perspectiva eleitoral, que era o fator de maior perturbação no câmbio para 2002. No próximo ano o dólar, no pico, baterá em R\$ 2,60.

CORREIO — Uma vitória da oposição nas eleições traria maiores problemas para a economia?

BACHA — Eu acho que haveria alguma turbulência inicial. Se a oposição ganhar, o que eu não acredito, terá uma experiência Mitterand curta. Quando [François] Mitterrand ganhou [as eleições] na França em 1980, ele tinha uma agenda de governo pseudo-socialista. Mas ao longo dos dois primeiros anos ficou demonstrado que aquilo era impraticável. Ele mudou de postura em 1983 e a França deslanhou. Aqui isso também ocorreria. Mas a oposição teria menos de dois anos para mudar de atitude e ter uma perspectiva mais voltada para o mercado e menos para o nacional-desenvolvimentismo, que ela acredita que ainda possa renascer das cinzas de 1950.

CORREIO — O que significa "mais voltado para o mercado"?

BACHA — Continuar com o processo de progressiva integração da economia brasileira à economia mundial, com a modernização do parque agrícola e industrial. É também importante a flexibilização das relações de trabalho e dos sistemas previdenciário e tributário.